

Técnica em nós, de Zamiátin

Technique in us, by Zamyátin

Roberto Nunes Bittencourt¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

RESUMO

Entre os pensadores e diversos outros intelectuais (como sociólogos, historiadores e antropólogos) há uma grande discussão sobre as dimensões da técnica. É claro que para outras pessoas pode parecer uma longa e improfícua discussão, sem muito fundamento e justificativa. O que seria a técnica e como seu avanço tem impactado a sociedade, a humanidade? É a partir disso que quero fazer uma discussão, não tão longa, sobre a ideia de técnica: ou, em outras palavras, de forma menos rígida como a filosofia propõe, sobre a tecnologia e como ela tem impactado a humanidade. Tomando como ponto de partida o pensamento de Ortega y Gasset, que versa sobre a forma como a tecnologia influi sobre a sociedade humana a partir de alguns eixos bem instigantes, este ensaio analisa uma obra literária de ficção científica distópica da literatura russa: *Nós*, de Zamiátin.

47

PALAVRAS-CHAVE:

Técnica; Ficção científica; Distopia; Literatura

ABSTRACT

Among thinkers and several other intellectuals (such as sociologists, historians and anthropologists) there is a great discussion about the dimensions of technique. Of course, for other people it may seem like a long and fruitless discussion, without much basis or justification. What would the technique be and how has its advancement impacted society and humanity? It is from this that I want to make a discussion, not so long, about the idea of technique: or, in other words, in a less rigid way as philosophy proposes, about technology and how it has impacted humanity. Taking as a starting point the thought of Ortega y Gasset, which deals with the way in which technology influences human society from some very intriguing axes, this essay analyzes a literary work of dystopian science fiction from Russian literature: *We*, from Zamyatin.

KEYWORDS

¹ E-mail: mb.roberto@gmail.com

Technique ; Science fiction; Dystopia; Literature

Lanço aqui, inicialmente, como um leitor crítico e como pensador da área de letras e, mais especificamente, da literatura, um olhar que, de forma alguma faz qualquer tipo de análise profunda de *Meditações sobre a técnica*, de Ortega y Gasset, publicado em 1939. No entanto, me debruço sobre a obra para extrair dela alguns construtos para fazer um exame detido sobre seu tema mais global dentro de um outro contexto. Nem sempre obras técnicas se tornam acessíveis e muito menos alvo de estudos e leituras: isso acontece quase sempre por pessoas que têm um interesse muito específico e criterioso sobre o que tais livros abordam. Por outro lado, as obras literárias não são assim, até porque elas são lidas quase sempre apenas como entretenimento, como se em suas entrelinhas não tratassem também de temas filosóficos, científicos e tantos outros.

Ancorado no livro de Ortega y Gasset, que versa sobre a forma como a tecnologia influi sobre a sociedade humana a partir de alguns eixos bem instigantes, quero conduzir uma análise de uma obra literária do contexto da Revolução Russa de 1917, que gira em torno dela, pelo menos, e que serviu também como inspiração para outras obras literárias que hoje já são tratadas quase como um legítimo folheto filosófico, como é o caso de *1984*, de George Orwell. Com isso, podemos abrir um amplo debate sobre essas obras em si, bem como a relação entre textos tão diversos, que estão em categorias e gêneros aparentemente adversos, mas que no fundo trazem elementos que permitem uma discussão estritamente alinhada e que se sobrepõe dentro de uma dada problemática.

Com isso, é importante destacar que partiremos sempre da estrutura axial do livro de Ortega y Gasset, publicado aqui no Brasil como *Meditações sobre a técnica*, mas que também aparece em uma edição mais antiga como *Meditações da Técnica*, e que tem uma espinha dorsal muito demarcada que será empregada em nossa análise. Como já foi dito, o livro discorre sobre a relação entre técnica e sociedade, a maneira como a tecnologia interfere em inúmeros aspectos da realidade, desde a ideia de progresso até a relação entre o mundo humano e o mundo da própria tecnologia. O livro que será empregado para que possamos fazer a análise a partir da obra de Ortega y Gasset é a ficção científica *Nós*, de Ievguêni Zamiátin, publicada em 1924, dentro do contexto da Revolução Russa de 1917, que teve um impacto muito negativo na vida de seu autor e acabou também afetando esse livro em especial.

Em primeiro lugar, precisamos conhecer de forma mesmo que superficial a obra do Zamiátin, que chegou aqui no Brasil para todos nós em duas edições: a primeira é da editora Aleph, conhecida no mercado editorial por publicar textos de ficção científica. Essa edição é, naturalmente, muito bem-cuidada, com uma capa chamativa, com cores que impactam o leitor e o convidam à leitura. A outra edição é da editora 34, que tem um catálogo com obras essencialmente orientais, e muitos autores russos entre eles. O livro na editora 34 faz parte da coleção *Narrativas da Revolução*, dirigida por Bruno Barreto Gomide. Se trata de uma edição que preza mais pela qualidade da

tradução do material e com um projeto gráfico bem mais singelo do que o da editora Aleph. É importante destacar, nesse momento, que as datas sobre a edição original de *Nós* são divergentes em alguns materiais de pesquisa, sendo apontado os anos de 1921 e 1924, que podem estar associados ao seu espinhoso processo de publicação e exílio de seu autor, uma vez que ele não era muito benquisto na Rússia nesse contexto da Revolução de 1917.

Em linhas gerais, o livro é uma obra de ficção científica do gênero distópico, tanto que é apontada como sendo uma das primeiras distopias, que influenciou outras importantes obras posteriores, como é o caso de *1984*, de George Orwell, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, que em seus textos recriam um mundo muito similar ao explorado no texto de Zamiátin, sobretudo as formas de governo que esses livros apresentam. O livro *Nós* tem uma particularidade muito grande em sua forma de escrita: os capítulos são transformados em anotações, feitas pelo protagonista da trama, a respeito de quem falaremos adiante. Mas o que seria um simples recurso literário, para se sistematizar a narrativa, imprime à trama um efeito poderoso, uma vez que ajuda de forma decisiva para a manutenção da tensão que percorre todo o texto, mas que procura ser evitada pelas impressões do protagonista, uma vez que ele acredita estar vivendo em um Estado perfeito.

Já no que tange ao livro *Meditações sobre a técnica*, de Ortega y Gasset, me aprofundarei em uma análise em torno de algumas discussões empreendidas pelo autor nessa obra curta e ao mesmo tempo extremamente densa. Em primeiro lugar, é importante destacar a ideia de desumanização pela técnica que o autor trabalha, sugerindo que o ser humano se atém ao campo tecnológico e se afasta de tudo que o conecta ao seu universo mais primitivo, natural. Esse distanciamento de sua natureza autêntica lhe fixa em um outro contexto de existência, que o autor considera alheio à essência humana propriamente dita. Ele afirma que “Aquecimento, agricultura e fabricação de carros ou automóveis não são, pois, atos em que satisfazemos nossas necessidades, já que, ao contrário, implicam uma supressão daquele repertório primitivo de fazeres em que diretamente procuramos satisfazê-las” (Ortega y Gasset, 1963, p. 11).

Se dedicar à tecnologia, viver imerso nela, é fugir de quem somos, de nossas volições, de nossas pulsões marcadamente humanas: esse primeiro traço do livro de Ortega y Gasset está visivelmente impresso em *Nós*, do Zamiátin, mesmo que você examine a trama de maneira apenas superficial. A sociedade que nos é apresentada pelo autor está muitos anos no futuro, mesmo do nosso tempo atual, em que o globo passou por uma densa revolução, inclusive científica, técnica: isso é tão visível que aquelas pessoas usufruem de outros recursos, de uma outra arquitetura urbana, social. Alguns problemas de ordem criativa imperam na obra, por exemplo, que foram em muito superados por Orwell, com suas telas que vigiaram todos de forma ubíqua, e Huxley, com sua sofisticada engenharia genética, levando as pessoas a um condicionamento bioquímico em sua sociedade distópica. Nesse caso, em *Nós*, Zamiátin nos oferece uma sociedade com uma tecnologia muito superior, tanto que estão construindo uma nave para atividades de expansão das fronteiras humanas: a

Integral. Esse primeiro conceito de Ortega y Gasset está disperso mesmo nesses elementos fundamentais da trama: as pessoas estão imersas em uma ordem pautada em seu desenvolvimento tecnológico. No entanto, não é apenas isso: outras marcas dessa civilização evidenciam que o ser humano se distanciou sua própria natureza.

Ainda nesse mesmo contexto, o autor fez questão de deixar muito claro como aquelas pessoas são influenciadas por sua sociedade, uma espécie de domínio estritamente subordinado ao uso da tecnologia para criar uma civilização que seja mais fácil de ser gerida. É justamente por isso que ela está abarrotada de processos burocráticos, que seguem a vida das pessoas de maneira ubíqua. Não se pode fugir desse ordenamento e ele determina até mesmo a forma como as pessoas se comunicam. Os diálogos de alguns personagens parecem roteirizados, o que pode ser confundido com uma certa inabilidade do autor da obra. Mas, quando examinamos de perto, ele está apenas evidenciando como essa sociedade que está compulsivamente padronizada traz traços de sua mecanização até na forma como as pessoas falam umas com as outras. Há, no entanto, uma personagem que, dentro da trama, corresponde a um elemento subversivo, que nos mostra como esse paradigma pode ser rompido e trazer as pessoas daquele mundo de volta à humanização: essa personagem é a I-330. Em momento oportuno, retomo o nome dos personagens no livro, quando abordar outro aspecto da obra do Zamiátin em relação ao texto do Ortega y Gasset.

Um segundo ponto da discussão promovida por Ortega y Gasset é a relação entre o mundo técnico e o mundo humano, o que nos faz pensar sobre como as nossas experiências estão cada vez mais entranhadas com a tecnologia, sobretudo atualmente, o que faz da obra do filósofo um grande prognóstico da sociedade que teríamos hoje e que pode se adensar ainda mais no futuro. O autor afirma que “Por isso, mesmo estudado zoológicamente, reconhece-se sua presença quando se encontra a natureza deformada; por exemplo, quando se encontram pedras lavradas, com polimento ou sem ele, isto é, utensílios. Um homem sem técnica, isto é, sem reação contra o meio, não é um homem” (Ortega y Gasset, 1963, p.18). Em outras palavras, o que temos é cada vez mais uma fusão entre a técnica e o ser humano, entre esses dois mundos que podem muitas vezes parecer essencialmente antagônicos.

Essa relação indissociável entre mundo técnico e mundo humano está muito nítida em todo o livro, uma vez que a tecnologia aparece tão integrada à vida dos personagens que ela sequer parece estar lá. É a mesma experiência de você ler uma obra de realismo mágico, em que eventos sobrenaturais acontecem com personagens que têm vidas comuns e triviais que se nos apresenta como se aqueles episódios pudessem fazer parte também de nosso próprio mundo. O D-503, protagonista da narrativa, está tão imerso nesse mundo com sua tecnologia avançada – é preciso considerar as limitações criativas do autor em seu tempo histórico, aqui, por exemplo, o auge da comunicação ainda é um telefone – que ele sequer discute a presença dela em sua vida. Nesse sentido, vale a pena observar tanto a construção da Integral, que se trata de uma nave, que nem mesmo hoje estamos perto de alcançar – pelo menos não nos moldes que o D-503 nos apresenta – e também quando ele descreve a Campânula de Gás, um instrumento de punição do Estado Único, que é essencialmente totalitário – essa categorização pode ser discutida, uma vez que ele tem

uma alta concentração de poder, mas não nos indica nenhum vestígio de propaganda ideológica, como acontece em *1984*, de Orwell.

O próprio D-503 descreve a Campânula de Gás como se fosse algo extremamente corriqueiro, tanto do ponto de vista técnico quanto político, chegando a refutar a ideia de que ela seja um instrumento que permita uma comparação do órgão que a executa com a Inquisição do século XV. Nesse sentido, o personagem deixa claro que a tecnologia está perfeitamente integrada à vida de todos nessa sociedade. O próprio telefone é apresentado quase como uma extensão das possibilidades de comunicação com o outro, não como um recurso alheio ao sujeito. Mesmo na literatura, sempre foi difícil integrar certas tecnologias: alguns autores fazem até alguns ensaios e malabarismos criativos que nem sempre saem bem-sucedidos. Zamiátin, por sua vez, consegue fazer com que o telefone em *Nós* seja um elemento corriqueiro, sem qualquer empecilho para a sua inserção social. A Campânula de Gás não é muito diferente: ela parece uma guilhotina presente na França revolucionária, ninguém pensa em como ela foi uma inovação grotesca de outras formas de execução, ou seja, essa tecnologia é algo banal para as pessoas do Estado Único.

Ao passo que a sociedade humana e a técnica se aproximam cada vez mais, alguns problemas surgem desse gradativo entrelaçamento. Segundo Ortega y Gasset, a dependência cada vez maior dos seres humanos em relação à tecnologia leva à alienação e perda da autenticidade. A perda da autenticidade é um dos problemas mais centrais, uma vez que ela é algo indispensável para a experiência humana. Já a alienação pode ser mais que uma armadilha corrosiva para a humanidade: pode representar a sua própria aniquilação. Por isso, é preciso pensar nessas questões e tentar encontrar uma forma de contorná-las, evitando esse nível de subordinação à técnica. A interação entre as pessoas e os recursos tecnológicos deve ser de forma interdependente e nunca subserviente. A mesma crítica que Ortega y Gasset faz em seu livro está dispersa em toda a obra de Zamiátin, que não poupa metáforas para que isso se torne evidente em seu texto.

Essa alienação pode acontecer de diferentes formas, desde níveis mais sutis até um complexo e intrincado processo de recusa e alheamento, muito presente, segundo Ortega y Gasset, na própria forma como nós muitas vezes refletimos sobre a própria técnica. Nas páginas finais do livro, por exemplo, ele chega a falar de uma hegemonia da técnica sobre diversos outros aspectos da nossa vida em sociedade e traz outros dois conceitos importantes discutidos por muitos filósofos hoje: tecnocracia e tecnicismo, que parecem ser, em sua visão, um caminho cheio de controvérsias e muitos problemas face à natureza do próprio homem. O domínio da técnica cria uma sociedade que estabelece seu próprio espaço de entrosamento, bem como a forma como nos organizamos e como a tecnologia e o seu desenvolvimento determina a maneira de pensar e agir de todos os indivíduos.

Dentro da obra do Zamiátin, a discussão sobre alienação e perda da autenticidade é extremamente densa. Em alguns momentos, ela está associada a uma dependência de fato à tecnologia, mas isso acontece porque aquela é uma sociedade totalitária e tecnocrata. A forma como o Estado Único está organizado e como o Benfeitor executa suas ações e administra a vida social deixam muito claro que tudo está subordinado a

um aparato governamental muito técnico. Nesse caso, muitos fatores nos ajudam a chegar a essa conclusão e observar os efeitos dessas escolhas e *modus operandi* na vida daquelas pessoas, que sequer possuem nomes. Esse, na verdade, é um ponto muito curioso e já denota a que proporção o tecnicismo atingiu naquela civilização. Por muitos motivos, os nomes das pessoas são uma combinação de letras e números, como números de série dos produtos que compramos hoje. Na narrativa, o protagonista D-503 e uma mulher que tem um papel crucial na obra, I-330, são os únicos que talvez o leitor consiga lembrar até o final, com algum esforço.

A ideia de perda de autenticidade pela forma como a sociedade sucumbiu ao tecnicismo está presente logo de cara nessa forma de nomear as pessoas. A partir do momento que você não tem um nome que o particularize, se torna um elemento em série, sem predicados, sem uma natureza autêntica, que lhe imprima uma faceta única, com todas as nuances da personalidade, que Ortega y Gasset considera: “Mas, por isso, não o sente como seu autêntico ser. Ao contrário, sua porção extranatural não é, evidentemente, e sem mais, realizada, já que consiste, como se sabe, numa mera pretensão de ser, num projeto de vida. É isto o que sentimos como nosso verdadeiro ser, o que chamamos nossa personalidade, nosso eu” (Ortega y Gasset, 1963, p. 38).

Somos autênticos e humanos quando estamos dentro de nossa fruição do que é particular à nossa própria condição, que isenta tudo que está ligado à técnica. A partir do momento em que o tecnicismo de uma sociedade nos priva do nosso próprio nome, já não temos mais uma individualidade essencialmente humana: estamos subordinados à uma codificação extremamente tecnicista. No entanto, não se resume apenas a isso: a alienação que as pessoas do Estado Único estão envoltas é toda irradiada de seu progresso técnico. Tanto que as pessoas não se insubordinam com frequência, seu lugar e sua posição é cientificamente explicada e justificada. É incrível mesmo como o próprio D-503 explica isso quando fala da maneira como são concebidos os filhos nesse sistema que é adotado por essa civilização, por esse governo despótico, autoritário e centralizador, que não deixa margem para a presença de uma subjetividade e de uma manifestação do ideário divergente.

O que acontece mesmo é uma negação do sujeito, de sua capacidade de escolha, de seguir por um caminho que não tenha sido planejado, projetado e delineado a partir dos recursos científicos e tecnológicos que comandam esse mundo que é, de fato, um domínio estandardizado, em que a tecnologia proporciona uma visão única sobre o ser humano e sobre a própria sociedade. Não tem como se desvencilhar desse ideário, as opiniões das pessoas não conseguem superar todo o aparato tecnológico e científico que justifica as decisões tomadas, e que emanam desse governo que também não abre margem para erros ou equívocos no campo político. O Benfeitor é um governante que preza pela ruptura com todo o tipo de individualidade, até mesmo em julgamentos de pessoas que contrariam o regime governativo, o que acontece sob uma intensa propaganda de que aquele indivíduo perturbou a ordem, a forma como tudo está organizado, prejudicando, assim, o resultado de toda essa burocracia, desse ordenamento técnico, que ele chama, para fins propagandísticos, de felicidade suprema. Causar uma perturbação nesse modelo que deve seguir mecanicamente para o seu desfecho é um crime imperdoável, punido com uma execução que em si também

deixa claro que até a anulação do sujeito precisa ser coesa, completa e asséptica, como um processo essencialmente técnico.

Quando D-503 está falando sobre a forma como a vida é controlada, submetida a um ordenamento mecânico, seriado, fica muito claro como acontece essa alienação e também supressão da individualidade, da subjetividade. Primeiro, o processo de alienação social e política está expresso em seu próprio discurso, defensor de forma acrítica a maneira pela qual o Estado gerencia a vida sexual de seus cidadãos. Ele, o D-503, não vê problema nenhum nisso e acha que foi a melhor decisão a ser tomada pelo Benfeitor e seus subalternos, uma vez que tudo emana deste chefe supremo e infalível dessa civilização distópica. Ele afirma que:

E não é um absurdo que o Estado (esse governo tinha o atrevimento de se chamar Estado) deixe de exercer qualquer controle sobre a vida sexual? Era com quem fosse, quando fosse e quantas vezes quisesse... Como animais, contrapunham-se inteiramente à ciência. (ZAMIÁTIN, 2017, p. 27-28).

Para D-503, a reprodução do modo como nós concebemos hoje é tipicamente pertencente ao mundo animal, um modelo obsoleto e tosco, que denota primitivismo e incivilidade. Por outro lado, a forma que ela se apresenta no Estado Único é o paradigma mais acertado: nos transforma em uma sociedade evoluída, alancada pelo progresso da técnica, o que está expresso também nesse excerto, quando ele afirma que o modelo antigo, ou melhor, o nosso, é adverso à ciência. Em outras palavras, aquela é uma sociedade que segue à risca o determinado por um conjunto de técnicos sob o comando estreito do Benfeitor, seu líder supremo, configurando-se, legitimamente, uma tecnocracia.

No entanto, o nível de alienação no Estado Único é muito maior que em qualquer outro de que tenhamos notícia, não apenas superado pela sociedade de *Admirável Mundo Novo*, de Huxley. Não é preciso apenas alienar e promover uma subtração do que torna cada indivíduo autêntico e único. A intenção também é de arrancar qualquer traço de espontaneidade e de expansão dos processos que levam a uma reversão dessa homogeneização, o que já nos lembra o quanto os seres humanos aqui são comparados e encarados também como máquinas ou produtos em série. Nesse sentido, o Estado Único quer erradicar a imaginação, e isso se dará como toda sociedade tecnicista que se preze deveria fazer: por meios tecnológicos. Assim, eles chamam esse processo de extração da imaginação das pessoas de Grande Operação, e seu intuito é muito claro: evitar pensamentos autônomos, expressivos e fora de uma padronização que é posta pelo próprio Estado.

Lá, fomos deitados, amarrados às mesas e submetidos à Grande Operação. No dia seguinte, eu, D-503, apresentei-me ao Benfeitor e relatei tudo quanto sabia sobre os inimigos da felicidade. Por que é que antes isso me parecia tão difícil? Não é possível compreender. A explicação só pode ser mesmo a doença que tive – a alma (ZAMIÁTIN, 2017, 258).

Nesse excerto, notamos que para o próprio D-503, o fato de ter algo só dele é um disparate, uma patologia, tão grave que ameaçou a felicidade de todos os outros. E nessa sociedade em que podem surgir tais problemas, o único meio de solução confiável e efetivo é por meio de um processo que seja eficiente e irrevogável, cujo uso da ciência extraia o que está causando tanto malefício ao bem comum. A imaginação, a alma, tornam o ser humano autêntico, isso não pode ser tolerado: viola o princípio da ordem e da inserção das pessoas em categorias lógicas, inamovíveis. Por isso, é preciso evitar que continue existindo. A personagem I-330 é uma forma vívida dessa imaginação, com um espírito rebelde, uma mente inquieta e contestadora, que indaga sobre a forma como o Estado Único conduz seus processos e suas políticas. Ela é tão antitética ao modelo que se estabelece nessa sociedade que ataca sua criação mais proeminente, a Integral. A Integral é o ícone máximo de tudo que essa sociedade representa, o esforço de técnicos incontáveis para criar algo que levará a humanidade a outro patamar, um progresso que somente esse Estado Único pode tornar possível.

Os aspectos discutidos na obra do Ortega y Gasset não aparecem no livro do Zamiátin de forma sequencial e sistematizada como apresentei aqui, ao menos parcialmente. Muitos outros elementos foram voluntariamente deixados de lado, por motivos diversos também. Em um primeiro momento, alguns recursos narrativos podem sugerir que o Zamiátin estava discutindo em sua obra apenas um tema de natureza política, mas isso pode ser muito discutível. Isso me lembra, por exemplo, do que acontece com o título da obra, que aparece no romance e nos conduz a uma série de conjecturas, tanto sobre a natureza da obra quanto o próprio D-503 e a forma como ele se relaciona com os demais personagens que aparecem no livro, inclusive o Benfeitor, talvez essencialmente o Benfeitor.

Eu apenas procuro registrar as coisas que vejo e penso, ou, para ser mais preciso, as coisas que *nós* pensamos. A palavra é exatamente esta: *nós*. E que esteja seja o título de minhas anotações. Pois que estas serão derivadas de nossas vidas, da vida matematicamente perfeita do Estado Único (ZAMIÁTIN, 2017, p. 16).

Se trata, como podemos ver muito facilmente, de um dos mais contundentes aspectos da relação entre tecnicismo e sociedade: todos os sujeitos são apenas um. A linha de montagem tem muitos elementos que funcionam de forma orgânica, ou deveriam funcionar de maneira tão orgânica que não fosse possível fazer qualquer distinção entre essas partes constituintes. Nesse caso, não há espaço para o pronome pessoal eu, mas apenas para o plural, nós. Todos são apenas um, a unidade não existe nesse modo de vida carregado de um mecanicismo que a tudo impregna, muito ancorado no modo de produção industrial em sua forma mais básica, mais rudimentar.

É claro que seríamos muito ingênuos se acreditássemos que o Zamiátin tinha a intenção de discutir tudo isso em sua obra. Não parece mesmo ser o caso. O livro está dentro da coleção de obras que dialogam com a Revolução Russa de 1917, muito mais voltadas para um debate político que filosófico. No entanto, na literatura acontece

sempre esse transbordamento de cada texto em sua polissemia, as obras falam muito mais que os seus autores tinham intenção de que elas falassem. Mesmo textos como *Admirável Mundo Novo* e *1984* são muito mais profundos em alguns temas que discutem que seus autores tenham admitido que tinham aquilo em mente no momento da concepção da obra propriamente. Isso acontece porque a literatura é ficção que se dilata além do texto, ela se desemboca em subtextos que se tecem a partir dos personagens, da trama, da narrativa, de todos os elementos literários que encontramos nessas obras sempre.

Nós é uma amostra de um avanço incomensurável da técnica, em muitos de seus aspectos, talvez muito mais que um ensaio tão curto possa discutir. De fato, muitos aspectos da trama ficaram à margem de minha discussão, que não podiam sequer serem evocados para que pudéssemos fazer um paralelo como texto do Ortega y Gasset. Além disso, muito do que iniciei e propus aqui ficou apenas em uma ideia introdutória, que poderia ser muito melhor desenvolvida e trazendo tantos outros pormenores, como foi o caso do próprio título da obra, que também evoca a ideia de alienação de homogeneização do sujeito, tornando a sua autenticidade opaca, difusa. Com isso, podemos entender que muitos outros sentidos podem ser extraídos do livro em alguns de seus elementos, como é o caso da Campânula de Gás, a Tábua das Horas e a própria *Integral*.

O que o Zamiátin estava fazendo era escrevendo um livro que ele dosou de muitas metáforas para tudo que estava acontecendo em seu país. Seria quase o mesmo método e dentro do mesmo *modus operandi* que o George Orwell empregou quando escreveu *A fazenda dos animais*, que qualquer leitor que conheça a fundo a história da União Soviética e do governo de Joseph Stálin será capaz de identificar todos os elementos necessários para decodificar o que o autor fez em seu texto tão denso de crítica e manifestação de um pensamento político, de uma ideologia que ele mesmo sustentava. Entretanto, como eu já afirmei antes, nem sempre tudo se resume ao que o autor queria e tentou dizer de forma proposital. Muitos outros símbolos, emblema e sentidos, que fogem ao texto, se imprimem na obra por sua própria tessitura. É por isso que nós, mesmo não sendo escritor para dialogar de forma tão pungente como o texto de Ortega y Gasset faz isso de maneira soberba, que nos deixa extasiados. É assim, pois, que nós percebemos que tanto Sartre quanto Camus estavam certos: a literatura e a ficção estão indissociavelmente discutindo os mesmos temas, apenas com outra linguagem.

REFERÊNCIAS

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação da técnica*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.
ZAMIÁTIN, I. *Nós*. São Paulo: Editora 34, 2017.

Submetido: 18 de junho de 2023

Aceito: 11 de julho de 2023